

A Escolha de Mark Twain

Por Trás do Sorriso, o Sofrimento

William D. Fitts

No verão de 1907, a Universidade de Oxford conferiu o título de Doutor Emérito a cinco artistas. A lista incluía o poeta e escritor inglês Rudyard Kipling; William Boot, fundador e primeiro general do Exército da Salvação; o escultor francês Auguste Rodin; e o compositor Camille Saint-Saëns. Todavia, o corpo estudantil explodiu com aplausos de entusiasmo quando o Lord Curzon introduziu o Emérito dos Estados Unidos da América: “Ao homem mais espirituoso e agradável, com um senso de humor que sacode os lados de toda a circunferência da terra com sua alegria inata, eu, por minha autoridade e pela autoridade de toda esta universidade, confiro o diploma de Doutor Emérito em Letras.”¹

A imagem de Mark Twain, que a audiência da universidade viu naquele dia, com sua beca doutoral e chapéu de formatura, foi realmente uma imagem alegre. Todavia, poucos naquela audiência sabiam que por trás daquele bigode e daquela cabeleira branca, escondia-se uma mente ofuscada pela tristeza, cujas causas imediatas eram: a morte de sua filha Susy causada por meningite, o recente diagnóstico de epilepsia que pairava sobre sua filha mais nova, e a perda recente de sua esposa causada por um ataque cardíaco. As causas da tristeza da alma de Mark Twain, todavia, tinham se desenvolvido desde que ele veio ao mundo, juntamente com o cometa Halley, cerca de 70 anos atrás.

As Primeiras Influências

Samuel Langhorne Clemens veio de um lar dividido espiritualmente. Clemens dizia que seu pai — um negociante respeitado embora sem sucesso — “foi uma vez à igreja e nunca mais.” O filho mais tarde comentou que o agnóstico John Clemens mostrou afeição apenas uma

vez na vida em quando beijou sua filha Pamela no seu leito de morte. O fato de ter ele secretamente presenciado a autópsia feita em seu pai pode ter afetado a atitude do garoto quanto à vida espiritual. Sam tinha apenas 12 anos quando seu pai morreu.²

Ele não se lembra de ter jamais presenciado expressões de carinho entre sua mãe e seu pai. Ela havia brigado com o homem que amava e para remediar a situação casou-se com John Clemens. A família vivia “com os nervos à flor da pele.” Sua mãe era uma hipocondríaca que vivia de medicamentos. A influência calvinista dela afetou a atitude espiritual do rapaz mais do que qualquer outra coisa. As primeiras lições de Bíblia e a Escola Dominical ensinaram-lhe que o individualismo deveria ser punido como um pecado. Como escreveu Van Wyck Brooks:

“O Calvinismo tinha revertido ao estado de semente [no Centro-Oeste]; ele era nada mais do que um hábito; o padre ardoroso tinha sido substituído pelo evangelista histórico [sobre o qual Mark Twain mais tarde faria sátiras em

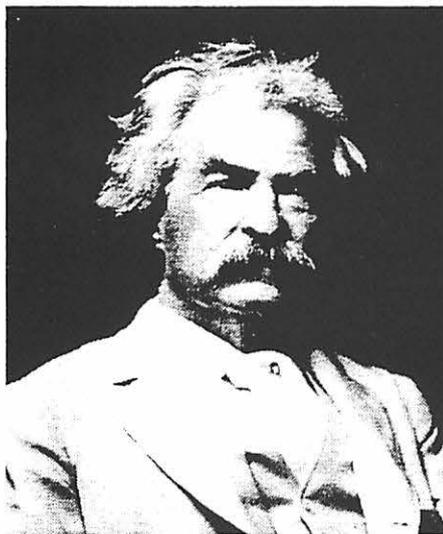
suas obras, entre as quais *The Adventures of Huckleberry Finn*]. Tateando em sua busca, ele não encontrou em lugar algum — nem em homens, nem em livros — o pão e o vinho do espírito.”³

Sua mãe fez-lhe prometer, no leito de morte de seu pai, que seria um bom rapaz. Daquela noite em diante, ele tornou-se sonâmbulo. Mais tarde, quando saiu de casa, ela fez-lhe prometer não beber, não fumar e não participar em jogos de azar. Ele parecia viver sob seu feitiço. Muito cedo, ele tornou-se o ganha-pão da família, e se encontrou num conflito tremendo entre criatividade e a vida convencional que o calvinismo exigia dele. Consequentemente, ele desenvolveu uma dupla personalidade — uma que agradava às exigências de sua mãe dominadora, e a outra que lhe permitia explorar sua individualidade e criatividade.⁴

Terríveis sentimentos de culpa assediaram o jovem Clemens quando ele examinava seus fracassos através dos olhos calvinistas herdados de sua mãe. Numa ocasião, ele deu um fósforo a um bêbado vagabundo para que este pudesse fumar na cadeia de Hannibal. O bêbado pôs fogo na cela e morreu queimado. Clemens sentia-se culpado pela morte do vagabundo.⁵

Na infância de Clemens foram lançadas as sementes de sua futura misantropia. Ele encontrou uma única alma realmente pensante, um escocês descontente chamado Macfarlane, que descrevia o homem como sendo a única ovelha negra no mundo animal.⁶ Este negativismo sobre a humanidade iria dominar mais tarde uma boa parte dos escritos de Clemens, a partir de *The Tragedy of Pudd'n-head Wilson* a *What Is Man?* e *Letters From the Earth*.

Clemens escapava temporariamente dos seus sentimentos de culpa traba-



Mark Twain (1835-1910)

lhando como aprendiz de piloto no rio Mississippi. A atração que tinha pelos pilotos dos barcos fluviais era indubitavelmente devida à liberdade e energia deles. Todavia, seu irmão Henry ficou terrivelmente queimado quando o barco *Pennsylvania* explodiu perto de Memphis. Henry morreu após ter recebido uma dose de morfina. Sendo Clemens nessa altura o ganha-pão da família, ele sentiu-se responsável pela morte do irmão.⁷

Durante os primeiros anos de sua vida adulta, Clemens foi para Nevada com seu irmão Orion. Ali também a pressão para fazer fortuna para sua família — especialmente para sua mãe — perturbou sua consciência. Ao descobrir que não tinha nascido para ser um mineiro, ele começou a escrever. Isso também teve efeitos negativos, pois o sensível Clemens tornou-se objeto de várias piadas dos mineiros. Tal situação o feriu e o encolerizou. A pressão para se conformar com o mentalidade das minas inibiu sua criatividade. “Escrever era um pecado aos olhos de sua mãe e vergonhoso aos olhos da sociedade.” Seu biógrafo Albert Bigelow Paine, descreveu-o como um mal-humorado. Um mineiro recorda-se: “Ele era a vida do acampamento, mas algumas vezes ele tinha uma reação e ficava sem falar conosco por um ou dois dias.” Suas primeiras peças foram assinadas “Josh” por temor que seus colegas mineiros o crucificassem por escrever “literatura.”⁸

O mineiro e futuro escritor Samuel Clemens trouxe assim um pesado fardo espiritual à sua vida adulta. O fato de ter lido Robert Ingersoll, durante aquele tempo, não tornou esse fardo mais leve. Ingersoll pode ter liberado Clemens da superstição e do fanatismo que ele satirizou em *Huckleberry Finn* e chegou a detestar em Harriet Beecher Stowe, mas isso aparentemente não trouxe o descanso que sua alma ansiava. Em São Francisco ele ficou tão deprimido por causa da pressão de sua mãe (e a de si mesmo) para fazer fortuna e deixar de escrever, que ele chegou a colocar um revólver à sua cabeça. Todavia, ele não teve a coragem de puxar o gatilho.⁹

A Luta Para Crer

Durante o resto de sua vida, Samuel Clemens teria que lutar com o cristianismo e a Bíblia, por causa de suas experiências passadas. Ao pastor Joseph Twichell ele afirmou: “Eu não creio que as palavras de sua Bíblia são inspiradas por Deus mais do que as palavras dum outro livro qualquer. Eu creio que toda ela é obra humana do início ao fim, inclusive a Redenção e tudo mais.”¹⁰ Todavia, este mesmo homem escreveu o seguinte:

“É difícil fazer uma escolha quanto à passagem mais bela num livro que está tão



Mark Twain com as filhas

repleto de belas passagens como a Bíblia.... Quem ensinou a esses escritores antigos a simplicidade da língua, do sentimento e, acima de tudo, da capacidade que tinham de se ofuscar totalmente da visão do leitor e fazer com que a narração aparecesse por si só como se ela se narrasse a si mesma?”¹¹

Sua pergunta revela o tormento da América do século dezenove — presa entre o cristianismo convencional e o modo de pensar que surgiu durante aquele período.

Quais foram as conseqüências do tormento espiritual de Clemens em sua família? Numa carta a Olívia Langdon, pouco depois do noivado deles, ele disse que “a emoção, a emoção reveladora da religião, Livy, não virá.... Eu oro por ela

— é tudo que posso fazer. Eu não sei como compelir uma emoção.”¹² No início de seu casamento, em vão tentou ele cooperar com a fé cristã dela, dizendo em certa ocasião: “Eu creio em você como creio no Salvador.”¹³ Ele chegou até a freqüentar a igreja, a escrever uma meditação emocionante sobre o nascimento de Cristo, a sugerir que pretendia escrever uma vida de Cristo, a assinar uma carta de amor para ela com “Até a próxima — com beijos e reverente afeição — e Hebreus 13:20.”¹⁴ Todavia, essa convicção religiosa durou pouco.

Clemens logo quebrou a promessa feita à sua esposa de não mais beber ou fumar — hábitos que havia adquirido quando não estava em presença de sua mãe. Agora ele desafiava abertamente os pedidos de outros. Como admitiu mais tarde, ele terminou destruindo o cristianismo de Olívia — “quase o único crime de minha vida, o qual traz-me amargura agora.”¹⁵

Sofrimento Familiar

É verdade que o verdadeiro caráter de uma pessoa se manifesta nos tempos de sofrimentos, e tal foi o caso de Mark Twain. Em 1872, quando a família perdeu o filho Langdon com apenas 19 meses, ele se tornou mais e mais introvertido. Sua crescente desilusão aumentou seu pensamento determinista. “O Livro da Natureza nos mostra claramente que Deus não cuida de nós nem de nenhuma criatura.... A Lei da Distribuição de Conforto e Sofrimento mostra uma ausência total de sentimento de justiça,”¹⁶ escreveu ele. Ele cria que a Bíblia tinha tomado emprestado de Confúcio a Regra Áurea; dos egípcios, hindus, gregos e romanos ela tinha recebido a Imaculada Conceição.¹⁷ Ele rejeitava a crença na “divindade do Salvador.”¹⁸

Durante este tempo, Olívia começou a sofrer problemas cardíacos agudos. Durante a doença dela, as filhas temiam os acessos de raiva do pai. A personalidade de sua filha Jean mudou, e ela foi diagnosticada como epiléptica.

Continua na página 32

Mark Twain

Continuação da página 15

Ele adorava sua filha Susy, que se encontrava distante em Bryn Mawr. Como a mãe dele o fazia, ele exigia perfeição em casa. Como sua invenção da máquina impressora Paige fracassou, os credores o perseguiram. Diante de todas essas pressões, ele às vezes mencionava a Olívia sua falta de fé na vida futura, o que muito a entristecia. William Dean Howells lembra-se de quando Clemens mais tarde disse à sua esposa que ele tinha estado “reconsiderando todo o assunto novamente, e agora estava convencido de que a alma realmente vive após a morte. Mas, era tarde demais. A visão aguçada de sua esposa penetrou na astúcia dele.”¹⁹

Quando Susy faleceu de meningite em 1896, a decadência de Clemens aumentou. Os sentimentos de culpa passados voltaram. Ele escreveu sua “bíblia,” *What Is Man?* [Que é o Homem?], de caráter totalmente determinista, assim como *Following the Equator* [Seguindo o Equador]. “Nós ignoramos e nunca mencionamos o impulso único que dita e compele cada ato de uma pessoa,” escreveu ele. O ser humano “não é nada, exceto o que as influências externas fizeram dele.... Piedade é para os vivos, inveja é para os mortos.” Olívia não o escutaria ler a última parte de *What Is Man?* Ele tornou-se mais e mais introvertido. Finalmente, os médicos e ela mesma, limitaram a duração das visitas dele a cinco minutos por dia, identificando-o como “um fator determinante no estado nervoso agudo — de exaustão e angústia — que acompanharam a doença cardíaca dela.”

Clemens tornou-se mais negativista em sua obra *The Mysterious Stranger* [O Estranho Misterioso], ao escrever “Não existe nem Deus, nem universo, nem raça humana, nem vida terrestre, nem inferno. Tudo isso é um sonho — um sonho grotesco e louco. Não existe nada exceto você. E você é apenas um pensamento — um pensamento perdido, um pensamento desnecessário, vagabundando solitariamente entre as eternidades vazias!”²¹

Em 5 de junho de 1904, Olívia

faleceu e o sentimento²⁵ de culpa de Clemens tornou-se quase insuportável. Ele lembrava como a fé que ela tinha em Deus havia arrefecido nos anos finais. Ele recordava de que maneira ela, no início do casamento, tinha sofrido por causa de sua relutância em tomar a comunhão, e como ela permanecia na igreja para orar por eles dois. Ele se lembrava que ela lhe havia dito, quando eles deixaram de freqüentar a igreja, “bem, se você quer se perder, eu quero me perder junto com você.” Ele se lembrava haver-lhe dito uma vez para apoiar-se na fé dela se isso a confortava, ao que ela respondeu: “Eu não posso, Jovem. Eu não tenho mais nenhuma fé.” E ele se lamentava dizendo: “Eu tirei a religião de Livy e não lhe dei nada em troca. Dei-lhe apenas pavor.”²²

A Escolha

Samuel Clemens encontrou finalmente sua liberdade em 21 de abril de 1910. Como seu pai, ele tinha se tornado um agnóstico e anticlerical. Como sua mãe, ele tinha se tornado exigente perfeccionista, conduzindo sua própria casa nos anos finais “nos limites de seus nervos.” Mas será que Clemens foi apenas um exemplo do determinismo que muitos escritores advogavam na América do século XIX? Como adulto, será que ele não teve a liberdade de escolher livros que o ajudassem a formar sua *mundivisão*? Será que ele não teve a escolha entre o Calvinismo de sua mãe (com seu emocionalismo), o agnosticismo de seu pai e de Ingersoll, a fé de Olívia (que ele parece ter associado também ao emocionalismo), e finalmente uma busca de Deus com seu próprio coração? A promessa de Deus é inequívoca: “E buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração.”²³

As últimas palavras de Mark Twain à sua filha Clara foram: “Adeus, querida,

se nos encontrarmos ...” O enigma da tragédia de Mark Twain pode ser encontrado nesse “se” final.

NOTAS

1. Hamlin Hill, *Mark Twain: God's Fool* (New York: Harper-Colophon, 1973), pág. 175.

2. Justin Kaplan, *Mark Twain and His World* (London: Michael Joseph, 1974), págs. 14-16.

3. Van Wyck Brooks, *The Ordeal of Mark Twain*, ed. rev. (New York: E. P. Dutton, 1920), págs. 30, 37.

4. Brooks, *op. cit.*, págs. 40-43.

5. Kaplan, *op. cit.*, págs. 24, 160, 161.

6. Brooks, *op. cit.*, pág. 38.

7. Kaplan, *op. cit.*, pág. 37.

8. Brooks, *op. cit.*, págs. 77-81.

9. *Ibidem*, pág. 86.

10. Albert Bigelow Paine, *Mark Twain, a Biography: The Personal and Literary Life of Samuel Langhorne Clemens* (New York: Harper and Brothers, 1912), vol. 2, pág. 631.

11. Carolyn Harnsberger, *Mark Twain's View of Religion* (Evanston, Ill.: Schori, 1961), pág. 12.

12. Carta, 2 de janeiro de 1869, em Carolyn Harnsberger, *Mark Twain, Family Man* (New York: Citadel, 1960), pág. 58.

13. Kaplan, *op. cit.*, pág. 81.

14. *Ibidem*, pág. 82.

15. *Ibidem*, pág. 83.

16. Albert Bigelow Paine, *Mark Twain's Notebook* (New York: Harper and Brothers, 1935), pág. 360.

17. Harnsberger, *op. cit.*, págs. 24, 25.

18. Albert Bigelow Paine, *Mark Twain's Letters* (New York: Harper and Brothers, 1917), vol. 2, pág. 323.

19. William Dean Howells, *My Mark Twain: Reminiscences and Criticisms* (New York: Harper and Brothers, 1910), pág. 32.

20. Kaplan, *op. cit.*, págs. 165, 166.

21. *Ibidem*, pág. 172.

22. Harnsberger, *op. cit.*, págs. 15, 16.

23. Jeremias 29:13.

William D. Fitts (Ph.D., Texas A & M University) é professor de inglês no Union College, em Lincoln, Nebraska, E.U.A.